



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

ALINE FRANCELINO AVELINO DA SILVA

***O REFLEXO DO NONSENSE EM ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE
ENCONTROU POR LÁ, DE LEWIS CARROLL***

**GUARABIRA
2022**

ALINE FRANCELINO AVELINO DA SILVA

O REFLEXO DO NONSENSE EM *ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE ENCONTROU POR LÁ*, DE LEWIS CARROLL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura infantil e juvenil

Orientador: Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Aline Francelino Avelino da.
O reflexo do Nonsense em Através do espelho e o que Alice encontro por lá, de Lewis Carroll [manuscrito] / Aline Francelino Avelino da Silva. - 2022.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rosangela Neres Araújo da Silva , Departamento de Letras - CH."

1. Literatura Infantil e Juvenil. 2. Alice através do espelho.
3. Nonsense. I. Título

21. ed. CDD 028.5

ALINE FRANCELINO AVELINO DA SILVA

**O REFLEXO DO NONSENSE EM ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE
ENCONTROU POR LÁ, DE LEWIS CARROLL**

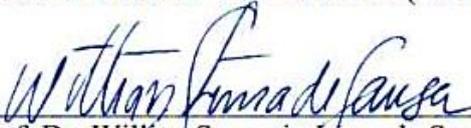
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 26/ 07/ 2022.

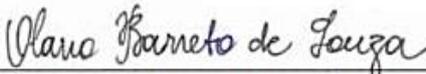
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por sonhar os meus sonhos,
DEDICO.

“Pode chamar de ‘absurdo’ se quiser”, disse, ‘mas já ouvi absurdos que fariam este parecer tão sensato quanto um dicionário!’ (CARROLL, 2009, p. 183).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UM PERCURSO	8
3 LEWIS CARROLL E A ESCRITA DE ALICE	9
4 O NONSENSE EM ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE ENCONTROU POR LÁ.....	10
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	17

**O REFLEXO DO NONSENSE EM ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE
ENCONTROU POR LÁ, DE LEWIS CARROLL**

**THE REFLECTION OF THE NONSENSE IN THROUGH THE LOOKING-GLASS
AND WHAT ALICE FOUND THERE, BY LEWIS CARROLL**

Aline Francelino Avelino da Silva¹

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo analisar a construção do *nonsense* presente na obra *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, de Lewis Carroll, além de observar como a personagem principal se posiciona e reage diante do estranhamento causado pelas situações que não entende. A pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa foi realizada a partir de análises voltadas aos elementos da narrativa, os quais caracterizam e formam o *nonsense*, como também, mediante a investigação das características da personagem Alice, imersa nas situações oníricas e complexas em seu retorno ao País das Maravilhas. Dessa maneira, o estudo se justifica na importância da leitura e interpretação do texto infantojuvenil para a formação do imaginário e do contexto sociocultural do jovem leitor. Nossa hipótese é de que, conhecendo o *nonsense* e sabendo identificá-lo, a fantasia e o universo mágico da narrativa de Lewis Carroll proporcionará uma compreensão mais apurada dos elementos que compõem a narrativa. Para tanto, nossa fundamentação baseia-se nos estudos de Marucci e Giroldo (2020), Rosenfeld (2004), Cademartori (2006), Colomer (2017), Cunha (2003) e Hunt (2010). Verificamos que a análise revela a necessidade de estudos que contemplem a importância da obra infantojuvenil, além de enfatizar a relevância de apresentar às crianças e jovens leitores a literatura *nonsense*.

Palavras-chaves: Literatura Infantil e Juvenil; Alice através do espelho; *Nonsense*.

ABSTRACT

This study has as its main objective to analyze the construction of the nonsense present in *Through the Looking-Glass and What Alice Found There*, by Lewis Carroll, besides observing how the main character positions herself and reacts to the strangeness caused by situations she does not understand. This research of bibliographic and qualitative nature was carried out from analyzes focused on the elements of the narrative, which characterize and form the nonsense, as well as, through the investigation of the characteristics of the character Alice, immersed in the dreamy and complex situations on her return to *Wonderland*. In this way, the study is justified by the importance of reading and interpreting children's text for the formation of the imaginary and sociocultural context of the young reader. Our hypothesis is that, knowing the nonsense and knowing how to identify it, the fantasy and the magical universe of Lewis Carroll's narrative will provide a more accurate understanding of the elements that make the narrative. Therefore, our foundation is based on studies by Marucci e Giroldo (2020), Rosenfeld (2004), Cademartori (2006), Colomer (2017), Cunha (2003) and Hunt (2010). We verified that the analysis reveals the need for studies that contemplate the importance of children's work, in addition to emphasizing the importance of presenting nonsense literature to children and young readers.

Keywords: Children's Literature; Alice Through the Looking-Glass; Nonsense.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: aline.avelino@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil e juvenil está inserida na sociedade há muito tempo, emergida através da tradição oral, a qual foi responsável por popularizar os contos de fadas, sendo compartilhadas de geração para geração. Desde então, essa literatura se modifica, diversifica e atualiza frequentemente. Dessa forma, surgem diferentes elementos, categorias e estratégias, que caracterizam essa escrita para crianças. Uma dessas categorias é a imersão do *nonsense*² em obras da literatura infantil e juvenil, as quais trabalham diretamente com o imaginário do leitor.

De acordo com Nikolajeva e Scott (2011, p. 282), “*nonsense* é um dispositivo estilístico que em geral se baseia na discrepância entre o significado literal da palavra e o metafórico, ou entre o significado verdadeiro e o modo como os personagens o interpretam.” Percebemos que a obra *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, do escritor inglês Lewis Carroll, publicado em 1871, apresenta esse dispositivo, narrando novas aventuras de uma das personagens mais queridas do universo infantil: Alice. Portanto, essa obra é considerada uma continuação do primeiro livro do autor, *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, publicado em 1865.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção do *nonsense* na obra *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, além de observar como Alice se reage diante do estranhamento causado pelas situações que não entende. Para que o objetivo seja alcançado, analisamos os elementos que caracterizam e formam o *nonsense* na obra e investigamos as características da personagem principal, visto que, é ela a protagonista do que questiona o *nonsense*.

No que se refere à metodologia, este estudo se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica, tendo em vista que ela “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Além disso, adotamos uma abordagem qualitativa e analítica, a qual procede a análise da narrativa escrita por Lewis Carroll.

Diante disso, salientamos que este estudo surgiu da necessidade de evidenciar a importância da obra infantojuvenil e da literatura *nonsense*, considerando suas influências na vida pessoal e educacional de crianças e jovens, como por exemplo, na formação do senso crítico, no processo de humanização, na atribuição de conhecimentos, na construção de interpretações, no desenvolvimento psíquico, entre outros.

Desta forma, a pesquisa se justifica na relevância de enfatizar a construção do *nonsense* na obra infantojuvenil, além de verificar como tal narrativa se enquadra nos parâmetros exigidos pela literatura infantil e juvenil.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Marucci e Giroldo (2020) e Nikolajeva e Scott (2011), no que diz respeito à categoria *nonsense*, e os estudos de Rosenfeld (2004), Cademartori (2006), Colomer (2017), Cunha (2003), Hunt (2010).

Além dessa seção introdutória, este trabalho está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, abordamos o percurso da literatura infantil e juvenil, apresentamos o autor e sua escrita e, em seguida, discutimos os resultados da análise literária da obra estudada. Finalmente, apresentamos algumas considerações no que se refere a análise realizada neste estudo, e por último, as referências utilizadas.

² Numa tradução literal, quer dizer “sem sentido”.

2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: UM PERCURSO

Em meados do século XVII, ocorreu a adaptação de lendas, mitos e histórias populares transmitidas oralmente para o texto escrito, pelo adaptador francês Charles Perrault, o qual é considerado o precursor da literatura infantil. Dessa forma, sua produção apresenta alguns dos contos mais conhecidos mundialmente, advindos da coleta desse material da oralidade e registrado para a escrita.

Entendemos, então, Perrault como um adaptador, visto que coleta as narrativas orais, acrescentando situações, incluindo um caráter moralizante, unindo-os a elementos populares da época e moldando-o à classe burguesa. Dessa forma, sua escrita ironiza as superstições populares, além de adentrar numa versão culta. Contudo, vale ressaltar que “não há dissociação entre a literatura oral e a versão culta, portanto, os elementos coexistem” (CADEMARTORI, 2006, p. 36).

Sendo assim, estes escritos iniciais da literatura infantil preocupam-se em manter uma relação com o popular, sobretudo com a burguesia. Dessa forma, inclui nas narrativas situações ligadas à vida na corte. Além disso, priorizam alguns aspectos como o didatismo, pois carregam propósitos moralizantes.

A partir do século XIX a literatura infantil e juvenil foi expandindo-se mundialmente e ganhando novas características, às quais se modificaram até os dias atuais. Além do surgimento de nomes importantes como os

irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), [...] o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan). (CADEMARTORI, 2006, p. 33-34).

Diferente de tudo isso que vimos até aqui, podemos destacar a literatura iniciada por Monteiro Lobato³, no Brasil, a qual se desprende dos elementos europeus e exalta características nacionalistas, tais como às tradições, a cultura e elementos simples do cotidiano dos/as brasileiros/as. Baseado nisso, percebemos que “A herança europeia deixa de ocupar tanto espaço e a partir do momento em que entram em cena fatores econômicos de dominação social” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 42).

A maneira de escrita de Lobato firmou-se como um marco na história da literatura infantil e juvenil no Brasil, pois, de forma inovadora, essas narrativas, ao abordar determinados temas, estimulam o senso crítico do leitor, posicionando-o como protagonista do seu próprio pensar. Assim, “partem de uma configuração monológica em razão de fazerem emergir a voz questionadora do próprio jovem, voz essa que tende a questionar toda espécie de autoritarismo e de instituições” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 33).

Com isso, a literatura nacional se expande cada vez mais, desenvolvendo novas particularidades e especificações. Portanto, de acordo com Gregorin Filho, podemos ressaltar que,

A literatura feita para o jovem da atualidade está vinculada à arte, isto é, ao mesmo tempo que traz à tona as discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio de múltiplas linguagens, seja por intermédio das atuais formas de suporte para que essa arte seja veiculada. (GREGORIN FILHO, 2011, p. 41).

³ Escritor, advogado e ativista brasileiro. Popularmente conhecidos pelo sucesso de suas obras endereçadas para o público infantil.

Apoiados ao pensamento de Gregorin Filho (2011), conseguimos destacar a literatura infantojuvenil como sendo uma maneira artística, e assim desconsiderar apontamentos que sugeriram o contrário, os quais enxergam essa literatura apenas como um simples objeto de entretenimento para o leitor, ignorando seu vínculo artístico ou educacional. Contudo, atualmente, a literatura endereçada para crianças e jovens busca pluralidade, além de identificação, diálogo e afeto com o leitor, mirando na realidade sociocultural brasileira.

3 LEWIS CARROLL E A ESCRITA DE ALICE

Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), popularmente conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, viveu na Inglaterra durante o período da Era Vitoriana⁴. Agostinho (2019) informa que Charles pertencia a uma família religiosa e socialmente favorecida, com isso, cresceu a partir de preceitos rigorosos. Além disso, sua posição social e religiosa influenciou na obtenção de vínculos importantes, unido, não só, à universidade de Oxford, na qual atuou como professor, como também, à corte real, mais precisamente, com a Rainha Vitória.

A família de Charles o guiava no caminho religioso para que este seguisse tal carreira, contudo, o rapaz apresentava interesse maior pela geometria, pela álgebra, pela lógica, enfim, pelo campo das exatas. Sendo assim, tornou-se um matemático ainda muito jovem e passou a ministrar aulas na universidade de Oxford, onde conheceu Henry Liddell, membro da direção da universidade. Essa relação causou uma amizade entre os dois, com isso, Charles aproximou-se bastante da família de Liddell, especialmente de sua filha, Alice.

Charles costumava criar e contar histórias para as filhas de Liddell, em seus passeios, a fim de entretê-las, as quais ficavam encantadas e empolgadas com as narrações, sobretudo Alice, que certa vez, gostou tanto de uma dessas histórias, que pediu para que Charles a escrevesse. Diante disso, ele escreveu e ilustrou a história presenteando a menina, além de homenageá-la nomeando a protagonista da narrativa de “Alice”.

A partir de 1865, Lewis Carroll passou a ser reconhecido como escritor, visto que, o livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, foi consequência de um grande sucesso assim que foi publicado, atraindo públicos de todas as idades. Somente em 1871, Carroll publicou continuação de seu primeiro livro e intitulou de “Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá”, contando com as ilustrações de John Tenniel⁵.

Em *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, edição publicada em 2009, com tradução de Maria Luiza Borges, para a Editora Zahar, a protagonista aparece altamente em estado de tédio, enquanto brinca com suas gatinhas, na sala de casa, em uma tarde fria de outono. Nesse momento, Alice questiona sobre o que pode existir no mundo através do espelho, e a partir disso, ela atravessa o espelho e se depara com algumas personagens preparando-se para uma partida de xadrez.

Após alguns acontecimentos, Alice percebe que está inserida em um gigantesco tabuleiro de xadrez, e pouco antes da partida começar, a Rainha Vermelha sugere que Alice participe do jogo sendo o Peão. Nesse momento, percebemos que as peças do jogo de xadrez são as personagens que surgem durante a narrativa, conforme cada jogada. Alice começa a jogar, na intenção de vencer a partida e se tornar rainha.

Veja só! Está demarcado exatamente como um grande tabuleiro de xadrez!” Alice disse por fim [...] “É uma partida de xadrez fabulosa que está sendo jogada... no mundo todo... se é que isso é o mundo. Oh, como é divertido! Como eu gostaria de

⁴ Período que marcou o longo reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra (1837-1901).

⁵ Ilustrador nascido em Londres em 1820. Foi responsável por ilustrações famosas, como as das fábulas de Esopo (1848), entre outras. Contudo, suas criações de maior sucesso foram criadas para as obras de Lewis Carroll.

ser um deles. Não me importaria de ser um Peão, contanto que pudesse participar... se bem que, é claro, preferiria ser uma Rainha. (CARROLL, 2009, p. 184).

A partir disso, a personagem encara diversas situações ilógicas no decorrer da narrativa e, conseqüentemente, da partida de xadrez. Dessa forma, Alice não só reencontra alguns personagens conhecidos, como também, novas criaturas fascinantes e imprevisíveis, com as quais a menina interage bastante, com o intuito de tentar entender aquele mundo estranho, no qual tudo parece ser o contrário do que ela estava habituada.

Contudo, sabendo que essa obra foi escrita por Lewis Carroll é indubitável a presença do *nonsense*, como elementos que nos impulsionam na realização dessa pesquisa, uma vez que se torna necessário compreendê-los e incluí-los no processo de ensino-aprendizagem de crianças e jovens leitores, nas escolas e em meios educacionais, pois compreendemos a força estimuladora da fantasia e da construção do imaginário, no indivíduo.

Isto posto, partiremos a seguir para a análise interpretativa, temática e estrutural da obra *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Para tanto, utilizaremos fragmentos da obra para detalhar nossa análise, apoiados a alguns autores importantes, apresentando a presença da categoria *nonsense* em diversos elementos da narrativa.

4 O NONSENSE EM ATRAVÉS DO ESPELHO E O QUE ALICE ENCONTROU POR LÁ

Ao estudar as obras de Lewis Carroll, notamos a presença de situações consideradas, em um primeiro momento, ilógicas, e a partir disso, percebemos a presença do *nonsense*. Sendo assim, devemos entender esse conceito definido por Marucci e Girollo (2020, p. 569) os quais explicam que essa categoria se define como “ideias absurdas que fogem da natureza que conhecemos, assim como situações bizarras, diálogos desconexos e palavras inventadas.”

Nesse sentido, a personagem Humpty Dumpty apresenta para Alice algumas palavras inventadas:

“[...] há um bocado de palavras difíceis aí. ‘Solumbra’ quer dizer que a tarde caía: é aquela hora em que o sol vai baixando e as sombras se alongam.”
 “Isto explica direitinho”, disse Alice. “E lubriciosos?”
 “Bem, ‘lubricioso’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra valise... há dois sentidos embalados numa palavra só. (CARROLL, 2009, p. 247).

Devemos atentar para a presença da representação da realidade no *nonsense*, por muitas vezes camuflada, mas ainda assim presente. Cunha aponta que “a conscientização ou discurso da realidade não se faz obrigatoriamente via realismo: a imaginação e a fantasia podem fazer o mesmo, por caminhos subterrâneos da trama e, talvez até por isso mesmo, com mais agudeza e profundidade” (CUNHA, 2003, p.101). Sendo assim, podemos notar a influência do *nonsense*, no que diz respeito a representação da realidade inserida na obra.

Dessa forma, podemos perceber que o *nonsense* é uma categoria, a qual aparece de forma sutil, necessitando de uma atenção mais cuidadosa, por parte do leitor, para sua identificação. No entanto, essa maneira de apresentar uma falta de sentido, na realidade, possui um sentido próprio, o qual pode ser decodificado dependendo de alguns fatores, como o contexto, a impressão de realidade, de irrealidade, entre outros. Portanto, vale ressaltar que “[...] é apenas uma maneira bizarra de fazer sentido” (BURGESS, 1986 *apud* MARUCCI E GIROLLO, 2020, p. 569). Nikolajeva e Scott (2011, p. 282), por sua vez, definem o *nonsense* como “um dispositivo estilístico que em geral se baseia na discrepância entre o significado literal da palavra e o metafórico, ou entre o significado verdadeiro e o modo como os personagens o interpretam.”

Sabemos que o texto literário precisa de sentido, desse modo, caso não possua, ou fuja da verossimilhança, instaura-se o *nonsense*. Todavia, devemos atentar para a complexidade e obscuridade do *nonsense*, que mesmo tendo seu próprio sentido, ainda assim, não é um sentido absoluto e concreto, por isso, possibilita interpretações diferentes.

À vista disso, destacamos três meios, pelos quais o sentido pode surgir na obra estudada nesta pesquisa. Em primeiro lugar, podemos observar o sentido do contexto interno, o qual é direcionado para quem está inserido no *nonsense*, ou seja, as personagens. Além disso, identificamos o sentido do contexto externo, que está ligado com o estado sociopolítico da época, isto é, a Era Vitoriana, é importante. Nesse ponto, notamos que o *nonsense* aparece, em muitos momentos, como forma de críticas sociais. Por fim, percebemos que existe ainda o sentido particular do leitor, que pode variar bastante, uma vez que, o *nonsense* é amplo e complexo.

Hunt aborda que “Os textos em si mesmos não ensinam nada. Eles contêm significados potenciais estruturados em complexos sistemas de códigos linguísticos. O acesso a esses significados depende de nossa capacidade de decodificação” (HUNT, 2010, p. 99). Nessa mesma linha de pensamento, Colomer (2017) ressalta que:

Uma das funções da literatura infantil e juvenil é a de abrir a porta ao imaginário humano configurado pela literatura. O termo "imaginário" foi utilizado pelos estudos antropológico-literários para descrever o imenso repertório de imagens, símbolos e mitos que nós humanos utilizamos como fórmulas típicas de entender o mundo e as relações com as demais pessoas. (COLOMER, 2017, p. 20).

Na visão de Hunt (2010, p. 92) “Ao tentar controlar o texto de várias maneiras, os escritores, por insinuação, exigem que os leitores leiam apenas dentro de limites implícitos e definidos, e os textos se tornam [...] ‘mais monológicos’ que ‘dialógicos’ ou ‘polifônicos’”. Diferente disso, estamos tratando de uma obra que explora ao máximo os limites de múltiplos sentidos ou, o que podemos chamar de “texto *escrivível*, [...] muito mais ‘aberto’ a contribuições do leitor.” (HUNT, 2010, p. 92). Vale salientar que, nesse caso, é a presença do *nonsense* que possibilita diversas interpretações dentro de um único enredo, as quais podem variar de leitor para leitor.

Entretanto, o *nonsense* literário pode ser bastante hermético, sendo difícil de reconhecer e traduzir, afinal, também pode aparecer sem intencionalidade de denunciar ou criticar algum aspecto, no interior da obra. Neste sentido, o *nonsense* que não carrega consigo nenhuma crítica ou referência, sendo apenas uma maneira que o autor encontra para brincar com a lógica, abre as portas do impossível, através do genuíno prazer de criar ou de fazer-se demorar no apontamento de tais reflexões.

Logo, podemos afirmar que a obra estudada apresenta intensamente tal categoria distribuída em todo o enredo, e de diferentes formas. Especialmente através dos elementos da narrativa, como em situações ou diálogos sem sentidos, os quais deixam, não só a personagem confusa e reflexiva, como também o leitor. Em razão disso, o leitor cria um vínculo com a protagonista, pois a curiosidade de Alice em relação ao país espelhado, assemelha-se à curiosidade do leitor em relação ao livro.

A partir disso, salientamos que um dos elementos de grande importância na obra é o jardim, visto que este surge como ponte ligando Alice ao mundo fantástico. Com isso, podemos notar que a personagem tem contato com todas as maravilhas do lugar desconhecido, através do estímulo da curiosidade em encontrar o jardim, que a impulsiona a mergulhar nas experiências mais abruptas.

Ainda, observamos que Alice é movida pela curiosidade de chegar até o jardim, assim que entra no país das maravilhas. Isto quer dizer que, em *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, quando cai na toca do coelho, a menina cria o objetivo de chegar até o jardim.

nesse mesmo contexto, para questionário. O *nonsense*, o qual afasta tudo do real, faz o mundo através do espelho compor um reflexo do contexto sócio-histórico da época.

Dessa maneira, Carroll (2009) consegue uma certa liberdade para criticar seu contexto, de forma sutil, passando despercebido por muitos de seus leitores da época, uma vez que a narrativa era direcionada ao público infantil. Sendo assim, os leitores adultos não cogitavam a possibilidade de temas fraturantes, enxergando o texto de Carroll apenas endereçado a seu público.

Em relação aos elementos da narrativa revestidos pelo *nonsense*, não podemos deixar de destacar a influência do tempo e espaço. Antes de tudo, precisamos ressaltar que o tempo e espaço, assim como tudo no enredo, também são atribuídos de forma diferente no mundo através do espelho, atingidos pelo *nonsense*. Podemos perceber isso através do seguinte diálogo entre Alice e a Rainha Vermelha.

“[...] tivemos tal tempestade terça-feira passada... Quero dizer, uma da última série de cada terças-feiras.”

Alice ficou pasma. “No nosso país”, comentou, “os dias da semana vêm um de cada vez”

A Rainha Vermelha disse: “É uma maneira lastimável de fazer as coisas. Aqui, geralmente os dias e as noites vêm em dois ou três por vez, e no inverno de vez em quando temos até cinco noites juntas... para aquecer mais, sabe.” (CARROLL, 2009, p. 294).

Atentemos, assim, para a importância do clima, uma vez que através desse fator analisamos um reflexo dos sentimentos das personagens, especialmente de Alice. À vista disso, notamos a presença de sentimentos como o tédio, a melancolia e a solidão, ao mesmo tempo em que a narrativa apresenta ausência de cores vívidas/alegres e declara a presença do frio, como podemos também perceber no trecho em que Alice reflete sobre a estação do ano com sua gatinha.

Está ouvindo a neve contra as vidraças, Kitty? Soa tão agradável e suave! Como se alguém estivesse beijando a janela toda do lado de fora. Será que a neve ama as árvores e os campos que beija tão docemente? Depois ela os agasalha, sabe, com um manto branco; e talvez diga: ‘Durmam, meus queridos, até o verão voltar.’ E quando eles despertam no verão, Kitty, se vestem todos de verde, e dançam... onde quer que o vento sopra... oh, isso é muito lindo!” exclamou Alice, soltando o novelo da lã para bater palmas. “E eu gostaria tanto que fosse verdade! O que sei é que os bosques parecem sonolentos no outono, quando as folhas estão ficando castanhas” (CARROLL, 2009, p. 162).

Diante disso, observamos que, na medida em que Alice vive as experiências no país das maravilhas, a narrativa se apresenta com o clima quente e cores vívidas, ao mesmo tempo em que a personagem parece mais alegre e inocente:

[...] refletia com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor a fazia sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.” (CARROLL, 2009, p. 13).

Apoiados nisso, podemos analisar as características da personagem Alice em relação aos acontecimentos apresentados na narrativa através do espelho. Dessa forma, percebemos que nesse contexto a menina surge entediada, curiosa e perdida, sendo estas características permanentes e específicas da personagem Alice, pois como aponta Eagleton (2019, p. 56) “[...] os indivíduos são definidos pelo que têm de característico, como a assinatura ou a

personalidade inimitável. A palavra, claro, também se refere a figuras em romances, peças, filmes etc.”.

Contudo, novas características são acrescentadas, na construção da personagem no universo espelhado, pois Alice surge mais impaciente e zangada, além de mais madura e racional, uma vez que confronta a lógica, em alguns episódios. Por outro lado, sabemos que, no país das maravilhas, a personagem aceitava com mais facilidade a ausência de sentido.

“Quando você diz ‘morro’”, a Rainha interrompeu, ‘eu poderia lhe mostrar morros que a fariam chamar esse de vale.’”

“Não, não fariam”, disse Alice, surpresa por finalmente tê-la contestado: “um morro não pode ser um vale. Isso seria um absurdo...”

A Rainha Vermelha sacudiu a cabeça. (CARROLL, 2009, p. 183).

Nesse trecho, observamos que Alice aparece em *Através do espelho* com uma racionalidade, causando um leve atrito entre a personagem e o *nonsense*. Vale ressaltar a importância de a personagem pertencer a outro contexto, pois somente assim há o estranhamento dos acontecimentos e, conseqüentemente, o surgimento do *nonsense*, visto que, se Alice pertencesse ao mesmo ambiente, não haveria tal estranhamento.

Além dessas evidências, ressaltamos que Alice também manifesta, em muitos momentos, um sentimento de solidão e melancolia, o que podemos relacionar novamente com o clima melancólico e, por muitos considerado, triste. Conseguimos ressaltar fragmentos em que a personagem chega a chorar ao declarar “Só que isso aqui é tão solitário! Disse Alice, melancólica; e a ideia de sua solidão duas grossas lágrimas lhe rolaram pelas faces” (CARROLL, 2009, p. 166).

Ainda podemos destacar que Alice apresenta reflexões mais profundas na narrativa, demonstrando uma certa maturidade. Além de que evidencia pensamentos de independência, como quando afirma “[...] aqui não vai haver ninguém mandando que eu me afaste do fogo. Oh, como vai ser engraçado quando me virem aqui, através do espelho, e não puderem me alcançar!” (CARROLL, 2009, p. 166).

Através disso notamos que a personagem sente liberdade assim que entra no mundo do espelho, enxergando uma oportunidade de finalmente decidir suas próprias escolhas, algo que não acontece em seu contexto social. O contexto vitoriano em que Alice provavelmente foi retirada, seguia princípios rígidos associados à educação, mas também em outras vertentes sociais, voltados para um parâmetro conservador. Nesse período, “A honestidade, o patriotismo e a devoção à vida familiar tornaram a Rainha Victoria o símbolo máximo de uma Era, também conhecida por seu conservadorismo.” (CANTON, 2010 *apud* AGOSTINHO, 2019, p. 31).

Um ponto interessante no enredo é o fato de Alice não sair do mundo espelhado especificamente atravessando o espelho, da maneira como entrou. Alice não atravessa o espelho de volta, apesar de planejar esse retorno, quando diz “se não me apressar vou ter de passar pelo espelho de volta sem ter visto o resto da casa!” (CARROLL, 2009, p. 174). Isso nos alerta que, no país das maravilhas, a menina também não volta pela toca do coelho, apenas entra.

Esse detalhe pode significar que as aventuras de Alice são infinitas, ou seja, a menina não foi embora do seu mundo fantástico, permanecendo com esse universo sempre ao seu alcance, para voltar a qualquer momento. Além disso, esse fragmento também nos alerta sobre a linha tênue que distancia o real do irreal, pois mesmo estando através do espelho, Alice pensa sobre sua realidade e vice-versa. Isso nos lembra que o real e o irreal são separados apenas por um espelho.

É evidente que podemos fazer comparações referentes a personagem Alice nas duas obras de Carroll (2009). Contudo, vale salientar que a personagem não vive as mesmas

situações que viveu no país das maravilhas e nem volta exatamente ao mesmo lugar, pois esses universos são diferentes, no imaginário de Alice. Ela não volta ao país das maravilhas, como também, não vive experiências parecidas, pois já não é a mesma, estando em constante evolução.

Baseados nisso, ressaltamos que no país das maravilhas a personagem passava por constantes mudanças de tamanho de formas abruptas, entretanto, em através do espelho a menina também passa por mudanças inesperadas, mas não em relação ao seu tamanho, e sim em relação ao tempo e espaço. Notamos que as cenas mudam repentinamente conforme as peças se movem no jogo, fazendo com que Alice não tenha domínio em relação ao jogo, sendo apenas uma das peças.

“Nem sei o que estou fazendo nesta viagem de trem... agora mesmo estava num bosque... e gostaria de poder voltar para lá!
 “Você poderia fazer uma piada com isso”, disse uma vizinha ao pé do seu ouvido;
 “algo como ‘querias, mas não podias’, não é?”
 “Pare de caçoar assim”, disse Alice, olhando em volta sem conseguir descobrir de onde vinha a voz; (CARROLL, 2009, p.192).

Nesse trecho, notamos que Alice não domina as jogadas no xadrez; ela desaparece e aparece em lugares abruptamente, sem o seu domínio. Isso possivelmente faz referência à sociedade vitoriana ligada ao fato de Alice ser uma criança, a qual vive sob dominação, não só dos seus responsáveis, como também, de uma sociedade conversadora. Sabendo que nesse corpo social a voz da criança não é tratada com seriedade/relevância, entendemos que o fato de Alice tomar a posição de um peão (peça que contém menos poder/valor no jogo) não é um ponto aleatório.

Ainda atrelado à Era vitoriana, Hobsbawm (2000, p. 143) destaca que “A Grã-Bretanha era, antes de qualquer outra coisa, um país de trabalhadores. Calculando o tamanho das várias classes britânicas em 1867, R. Dudley Baxter estimou que [...] 77%, dos 24.100.000 habitantes da Grã-Bretanha pertencem à ‘classe trabalhadora manual’”. Isso porque a Revolução Industrial alcançava seu auge, resultando no êxodo rural e, conseqüentemente, no aumento da população urbana.

Assim era pirâmide social em meados do período vitoriano. Tratava-se de um fenômeno cada vez mais urbano, ou talvez, no que dizia respeito à classe média, um fenômeno suburbano, pois a migração dos não-proletários para a cercanias das cidades tomou vulto, particularmente na década de 1860 e, mais tarde na de 1890. (HOBSBAWM, 2000, p. 146).

Ancorado a isso, Agostinho (2019, p. 31) também ressalta que “As aventuras de Alice foram criadas em meio a tantas transformações históricas, que marcariam esta [...] O pioneirismo inglês na revolução industrial foi um marco que contribuiu para o desenvolvimento dos meios de produção [...] em sua maioria artesanais e manuais”. Sendo assim, a obra é permeada de referências do *nonsense*, possivelmente criadas por Carroll (2009) para associar a esse contexto.

[...] “geralmente você chegaria a algum lugar... se corresse muito rápido por um longo tempo, como fizemos”
 “Que terra mais pavorrenta!” comentou a Rainha. “Pois aqui, como vê, você tem de correr o mais que pode para continuar no mesmo lugar. Se quiser ir a alguma outra parte, tem de correr no mínimo duas vezes mais rápido!” (CARROLL, 2009, p. 186).

A partir desse trecho, notamos que a afirmação feita pela Rainha Vermelha exemplifica a forma de trabalho de muitos trabalhadores desse período, os quais precisavam

trabalhar o máximo que pudessem e mesmo assim continuavam no mesmo nível social, já que as condições de trabalho eram insatisfatórias, do mesmo modo que exigiam muito do trabalhador. Contudo, Hobsbawm (2000) pontua que:

A partir de 1871 obtiveram até o primeiro reconhecimento legal do lazer não-religioso, o descanso semanal. No entanto, de modo geral, seus salários e suas condições de trabalho dependiam dos contratos que conseguiam com os patrões, sozinhos ou através de seus sindicatos. Na verdade, a genuína classe média não era grande (HOBSBAWM, 2000, p. 143-145).

Na narrativa de “Através do espelho”, encontramos vários fragmentos que nos atentam para esse momento histórico. Como na passagem em que a personagem Humpty Dumpty, afirma em meio a uma conversa com Alice “‘Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim’ [...] ‘sempre lhe pago um adicional’.” (CARROLL, 2009, p. 246). Esse enunciado relacionado ao contexto sócio-histórico, aponta, com criticidade, o excesso de trabalho atrelado ao pagamento insuficiente, sendo uma realidade de muitos trabalhadores da época.

Outrossim, saindo do contexto da Revolução Industrial, podemos mencionar nossa atualidade, uma vez que o ser humano, especialmente adultos, muitas vezes encontram-se em uma condição exaustiva, por excesso de trabalho, na qual não é permitido “perder tempo”, mas permanecer sempre correndo incessantemente, geralmente a fim de melhorar seu estado financeiro, mesmo que custe seu estado emocional. Relacionamos isso ao trecho “Não o faça esperar, criança! Ora, o tempo dele vale mil libras o minuto!” (CARROLL, 2009, p. 190), e vemos que a estética do texto fantástico de Carroll (2009) possibilita interpretações que ultrapassam séculos, o que se determina como uma obra atemporal.

Por fim, é importante destacar que Alice estranha tal contexto desconhecido, ao mesmo tempo em que as demais personagens também estranham o mundo da menina. Em determinado momento a Rainha comenta “‘[...]’, mas tenho certeza de que você não teve muitas aulas de boas maneiras, não é?’ ‘Boas maneiras não se ensinam em aulas’ disse Alice. ‘Aulas ensinam a fazer contas de somar, e coisas desse tipo.’” (CARROLL, 2019, p. 290-291).

“A educação pela qual a personagem passou era amparada pelas tradições da Inglaterra Vitoriana, com lições ditadas para que os alunos repetissem de maneira estéril e mecânica. [...] Ser “culto” na Inglaterra Vitoriana implicava não em desenvolvimento do senso crítico, mas em acúmulo de conhecimento.” (AGOSTINHO, 2019, p.12).

A partir dessa citação acima entendemos que na obra Alice explana sobre a educação da época, a qual não teria relação com o ato de humanizar, nem desenvolver o senso crítico, mas apenas a aplicação de teorias, através do ensino mecânico. Sendo assim, a Rainha Vermelha discorda de tal conduta. Finalmente, identificamos esse trecho como crítica de Carroll (2009) à realidade educacional da época.

Através disso, percebemos que as personagens do enredo também estranham o país de Alice, o qual não ensinam boas maneiras nas escolas e não tem o hábito de dar e ganhar presentes de desaniversários⁷. Isso significa dizer que a lógica, nessa conjuntura, tem dois pontos de vista, pois tanto Alice acha uma loucura o mundo espelho, como também as personagens do espelho acham o mundo de Alice uma loucura. Com isso, entendemos a importância de considerar a realidade do outro, desenvolvendo uma mente livre/maleável, em constante mudança e evolução.

⁷ Essa expressão surge na obra *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, e refere-se a um evento, o qual o sujeito pode comemorar e festejar em qualquer dia do ano, exceto o dia do próprio aniversário.

Nesse sentido, entendemos que Carroll (2009) ao inserir Alice em um universo invertido, coloca a personagem em confronto com o *nonsense*, visto que nos é apresentado duas versões de lógica e verdade. Além disso, os dois contextos são questionados e repensados pelas personagens. Contudo, o autor não expõe qual das versões está coerente, pelo contrário, ele posiciona Alice e as demais personagens em uma reflexão sobre o ato de sair da sua bolha e considerar o que há do lado de fora, além disso, posiciona o leitor nesse mesmo estado reflexivo.

Arelado a tudo que vimos até aqui, entendemos que a obra *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, de Lewis Carroll, possui uma estética valiosa, a qual enriquece o imaginário do leitor, com o auxílio do *nonsense*. Assim, podemos dizer “[...] afastando-se da realidade e elevando-se a um mundo simbólico o homem, ao voltar à realidade, lhe apreende melhor a riqueza e profundidade. Através da arte, disse Goethe, distanciamos-nos e ao mesmo tempo aproximamos-nos da realidade.” (ROSENFELD, 2004, p. 49).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos pesquisar e explicar os elementos revestidos pelo *nonsense*, na narrativa *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, de Lewis Carroll, através dos quais a personagem Alice se posiciona de forma reflexiva. Observamos que, nas aventuras do mundo espelhado, sendo impactada pelas circunstâncias, situações, tempo e espaço do enredo, dessa forma, o ambiente influencia Alice, assim como, Alice influencia o ambiente, visto que esta é a protagonista do próprio *nonsense*.

Contudo, após nos aprofundarmos na narrativa, percebemos que não é uma obra sem sentido, mas apenas codificada assim, a qual brinca com a lógica e desafia o leitor a jogar a partida de xadrez e desvendar os mistérios e mensagens subjacentes na obra. Desse modo, notamos que o autor não aplica sentido fixo, justamente para que o leitor sinta liberdade em, conjuntamente com Alice, expandir sentidos.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a importância da obra infantojuvenil, como também, enfatizamos a relevância de apresentar às crianças e jovens leitores a literatura *nonsense*, a partir de leituras com viés humanizador e desenvolvedoras do senso crítico. Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Heloisa Baumgratz Lopes. **Através do espelho do nonsense: o que podemos aprender com Alice**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-rei/MG, 2019.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2011.

HOBSBAWM, Eric J., **Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARUCCI, I. P.; GIROLDO, R. **Nonsense e representação: Alice e a relação com o real**. v. 12, n. 2. Vitória da Conquista: Fólio – Revista de Letras, 2020.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PERRAULT, Charles et al. **Contos de fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem**. In: CANDIDO, Antônio, huntFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. p. 11-49.